

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-11-03

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Neves, J. S. (2020). O sector artístico e cultural, impactos e desafios da crise provocada pela Covid-19. In Renato Miguel do Carmo, Inês Tavares e Ana Filipa Cândido (Ed.), *Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19 em livro*. (pp. 83-97). Lisboa: Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

Further information on publisher's website:

<https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads/2020/12/UmOlharSociolo%CC%81gicoSobreaCriseCovid19emLivro.pages.pdf>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Neves, J. S. (2020). O sector artístico e cultural, impactos e desafios da crise provocada pela Covid-19. In Renato Miguel do Carmo, Inês Tavares e Ana Filipa Cândido (Ed.), *Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19 em livro*. (pp. 83-97). Lisboa: Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

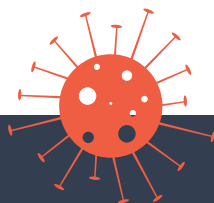
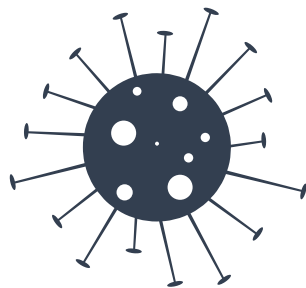
The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

# UM OLHAR SOCIOLOGICO SOBRE A CRISE COVID-19 EM LIVRO

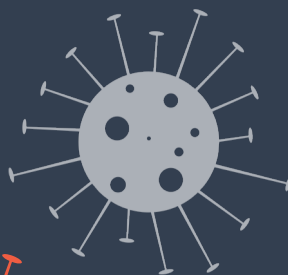


## ORGANIZADORES

RENATO MIGUEL DO CARMO  
INÉS TAVARES  
ANA FILIPA CÂNDIDO

---

ALDA BOTELHO AZEVEDO  
ANA DRAGO  
ANA RAQUEL MATIAS  
ANTÓNIO FIRMINO DA COSTA  
FERNANDO DIOGO  
FRÉDERICO CANTANTE  
JOÃO TEIXEIRA LOPES  
JOSÉ SOARES NEVES  
LUÍSA SCHMIDT  
MADALENA DUARTE  
MARIA DO MAR PEREIRA  
SOFIA ABOIM  
SUSANA DA CRUZ MARTINS  
TIAGO CORREIA



© Renato Miguel do Carmo, Inês Tavares e Ana Filipa Cândido (organizadores), 2020

Renato Miguel do Carmo, Inês Tavares e Ana Filipa Cândido (organizadores)

**Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro**

Primeira edição: novembro de 2020

ISBN: 978-972-8048-58-7

DOI: 10.15847/CIESOD2020covid19

Capa: Ana Filipa Cândido

Edição gráfica de texto e composição: Inês Tavares

Revisão de texto: Inês Tavares e Renato Miguel do Carmo

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,  
de acordo com a legislação em vigor, por Observatório das Desigualdades

Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte, Av. das Forças Armadas, 1649-026

Lisboa

E-mail: [info@observatorio-das-desigualdades.com](mailto:info@observatorio-das-desigualdades.com)

Site: <http://observatorio-das-desigualdades.com>

Como citar: Carmo, Renato Miguel do; Inês Tavares; e Ana Filipa Cândido (orgs.) (2020), *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. Consultar aqui: <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/2020/11/23/um-olhar-sociologico-sobre-a-cri-se-covid-19-em-livro/>

# Índice

INTRODUÇÃO	1
Ana Filipa Cândido, Inês Tavares e Renato Miguel do Carmo	
DESIGUALDADES SOCIAIS E PANDEMIA	4
António Firmino da Costa	
A SAÚDE E A COVID-19 EM PORTUGAL: UMA REFLEXÃO A MEIO CAMINHO ANDADO	17
Tiago Correia	
A EDUCAÇÃO E A COVID-19: DESIGUALDADES, EXPERIÊNCIAS E IMPACTOS DE UMA PANDEMIA NÃO ANUNCIADA	37
Susana da Cruz Martins	
O IMPACTO DA CRISE DA COVID-19 NAS DESIGUALDADES SOCIOLINGUÍSTICAS E ÉTNICO-RACIAIS	56
Ana Raquel Matias	
ELOGIO DA CO-PRESENÇA NO ENSINO SUPERIOR: BREVES NOTAS	78
João Teixeira Lopes	
O SECTOR ARTÍSTICO E CULTURAL, IMPACTOS E DESAFIOS DA CRISE PROVOCADA PELA COVID-19	83
José Soares Neves	
HABITAÇÃO, PANDEMIA, CRISE	98
Ana Drago	
PANDEMIA E AMBIENTE: IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS	115
Luísa Schmidt	
COVID-19 E DESIGUALDADES DE GÉNERO: UMA PERSPETIVA INTERSECCIONAL SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA	130
Sofia Aboim	

O IMPACTO DA COVID-19 NA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE: PISTAS PARA REFLEXÃO Madalena Duarte	148
ENVELHECIMENTO NAS COMUNIDADES NO PÓS-COVID-19 Alda Botelho Azevedo	158
A DESIGUALDADE ECONÓMICA E A CRISE EXISTENCIAL DO PAÍS Frederico Cantante	170
A POBREZA E A PANDEMIA EM PORTUGAL, UM ENSAIO Fernando Diogo	181
A PANDEMIA NA ACADEMIA: FAZER, E TRANSFORMAR, O TRABALHO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE COVID-19 Maria do Mar Pereira	199
HABITAR O TEMPO: UMA POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO SIMBÓLICO Renato Miguel do Carmo	233
BALANÇO E PERSPETIVAS DE FUTURO: O IMPACTO DA COVID-19 E A (RE)PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS Inês Tavares e Ana Filipa Cândido	244

## CAPÍTULO 6

### O SECTOR ARTÍSTICO E CULTURAL, IMPACTOS E DESAFIOS DA CRISE PROVOCADA PELA COVID-19

#### *José Soares Neves*

Investigador integrado e subdiretor do CIES-Iscte, Professor do Departamento de Sociologia no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Diretor do Observatório Português das Atividades Culturais

A crise provocada pela Covid-19 teve forte impacto nos profissionais, nas organizações e nas instituições culturais e tornou mais visíveis os desafios que se colocam às políticas públicas, em particular, e de modo mais lato às relações entre sociedade e cultura, em inúmeras dimensões e cujo alcance ainda está longe de ser conhecido em toda a sua extensão. Neste texto avanço algumas pistas eventualmente úteis para a reflexão que os impactos e os desafios suscitam.

Começo por relembrar a complexidade do que designamos por cultura, e situo as fontes que nos permitem acompanhar as repercussões da crise, e as posições que têm vindo a suscitar. Abordo de seguida as respostas à crise pelas políticas públicas – e as questões associadas à sua eventual adequação e suficiência – para referir depois alguns efeitos que podemos antecipar no funcionamento dos mundos da arte e da cultura. Nesta sequência procuro identificar, com as incertezas que a crise ainda em evolução acarreta, possíveis medidas que importará equacionar no pós-crise. E, deste ponto de vista, também os desafios que se colocam no plano das desigualdades do acesso à cultura merecem particular destaque.

1. Com o eclodir da crise pela Covid-19 a cultura ganhou uma visibilidade acrescida, porventura mais alargada do que em momentos anteriores, destacando-se os efeitos negativos nos profissionais, nas organizações e no sector de um modo geral, e também a necessidade de medidas de diversa ordem, cultural, social, económica. Mas por isso

mesmo talvez seja importante começar por relembrar a complexidade e as múltiplas dimensões em que é possível desdobrar o que designamos por cultura na contemporaneidade, mesmo considerando uma definição pragmática, ou seja, como uma das áreas governativas das políticas públicas (Santos *et al.*, 1998). Desde logo pela diversidade de domínios que incluem as artes performativas, as artes visuais, o património (os monumentos e os museus, o património imaterial), os arquivos, as bibliotecas públicas, o livro e a imprensa, o audiovisual e o multimédia, diversidade que se alarga se tivermos em conta também as funções, desde a criação/produção à receção/consumo, passando pela mediação/distribuição (Bina *et al.*, 2012).

Complexidade que ganha novos contornos consoante nos referimos ao sector *cultural* ou ao sector *cultural e criativo* (Quintela e Ferreira, 2018), ou ainda se tivermos em conta os sectores económicos em presença, ou seja, o sector público, o sector privado lucrativo e o sector privado não lucrativo ou terceiro sector (Gomes, Lourenço e Martinho, 2006). Ou se tivermos também em conta os géneros ou correntes artísticas, e respetivos cruzamentos, e as noções de cultura (popular, de massas, cultivada) (Santos, 2012). Ou ainda se tivermos presente a multiplicidade de agentes sociais envolvidos nos *mundos da arte e da cultura*, incluindo os criadores e todos aqueles que contribuem para que as obras e os eventos ocorram (Becker, 2010[1982]), e também os consumidores, os públicos (Crane, 1992: 112) e a diversidade de perfis profissionais, do estatuto de independentes, com vínculos precários, temporários ou parciais, aos trabalhadores por conta de outrem, com vínculos estáveis, permanentes.

Ou seja, as crises, agora em particular a crise devido à pandemia pela Covid-19 na cultura, fazem-se sentir em múltiplos planos, de modos variáveis e com efeitos igualmente diversos. Assim, falar da atual situação de crise na cultura significa ter em conta realidades e efeitos possivelmente muito diferentes.

Na fase inicial, as pistas disponíveis para analisar os impactos da Covid-19 na cultura estavam nas notícias e nas posições veiculadas no espaço mediático, nas redes sociais, nos sítios da *internet*, pelas

organizações do sector e pelo governo, e depois nos resultados de inquéritos de organizações profissionais, nacionais e internacionais, e mais recentemente nos estudos promovidos por várias instituições e centros de investigação.

As posições e os inquéritos das organizações profissionais têm sido muito marcadas pela avaliação dos impactos económicos com vista a vincar a necessidade de respostas políticas, económicas e sociais, e sua urgência, e de exigir medidas específicas por parte dos governos para o respetivo domínio.

Em Portugal, várias organizações realizaram e divulgaram inquéritos aos seus associados, individuais e/ou coletivos, sobre os impactos da crise, de que são exemplo os promovidos pelo CENA-STE (três inquéritos realizados)<sup>1</sup>, pela GDA<sup>2</sup> e pelo ICOM-Portugal<sup>3</sup>. Entre os estudos realizados, menciono um de março de 2020 com base nas notícias de imprensa, posições de entidades públicas e privadas, legislação e orientações do Ministério da Cultura (Gama, 2020) e um outro de julho de 2020 com base nas respostas dos responsáveis por monumentos nacionais em Portugal sobre impactos durante o período do confinamento e medidas a adotar na sequência da crise (Neves et al., 2020).

No plano internacional, a situação devido à Covid-19, embora variando em escala, tem muitos pontos em comum: paragem precoce e generalizada das instituições e das atividades predominantemente presenciais (espetáculos, exposições, etc.), incerteza quanto a contratos e compromissos anteriormente firmados, estagnação das receitas, diminuição das procuras de trabalho, perda de rendimentos, incerteza quanto aos rendimentos no futuro imediato e à viabilidade da continuidade a prazo das atividades no sector das artes e da cultura por parte de organizações privadas e de profissionais independentes.

---

<sup>1</sup> CENA-STE, ver [aqui](#).

<sup>2</sup> GDA, ver [aqui](#).

<sup>3</sup> ICOM-Pt, ver [aqui](#).



Neste plano, um dos estudos com um balanço mais abrangente é o da OCDE (Travkina e Sacco, 2020). Este e outros estudos entretanto realizados destacam os efeitos económicos, sociais e culturais nos profissionais independentes dos sectores criativo e cultural, com vínculos precários, uma categoria fortemente atingida devido à quebra de rendimentos, e na viabilidade económica destes sectores a curto prazo que a crise da Covid-19 veio evidenciar (Comunian e England, 2020: 118).

2. As medidas das políticas públicas de resposta à crise são várias, com diferentes alcances e que se vêm sucedendo, tal como aliás para outros sectores, procurando responder às situações que se vão revelando. Refletem de algum modo as articulações intergovernamentais de informação no plano da União Europeia. E aproximam-se das recomendações imanas de instituições internacionais como a UNESCO, que preconiza medidas que fomentem a resiliência em três vertentes: apoios diretos a artistas e profissionais da cultura (benefícios sociais, aquisição de obras, compensação de quebras de rendimento e criação e oportunidades de formação com estágios remunerados), apoios às organizações dos sectores culturais e criativos (e.g. antecipando o pagamento de apoios, compensando perdas por quebras nas atividades) e orientadas para melhorar a competitividade das indústrias culturais e criativas (e.g. promovendo a realização de estudos e avaliações de modo a informar as medidas a adotar, promovendo os conteúdos nacionais) (UNESCO, 2020).

Nesse sentido são em geral adequadas, o que não significa que sejam suficientes. O balanço feito pela OCDE no já citado relatório sugere uma posição modesta de Portugal no conjunto das medidas políticas nas quatro vertentes consideradas: financiamento público, apoio ao emprego, adiamento de pagamentos e processos administrativos facilitados e políticas estruturais. Por exemplo, Portugal está ausente nas políticas estruturais, nas quais a OCDE considera a qualificação e criação de emprego de trabalhadores criativos, a

mobilização de conhecimento e avaliação de impacto, a digitalização, entre outras (Travkina e Sacco, 2020: 53).

Na fase inicial, em Estado de Emergência, com a supressão dos eventos públicos e o encerramento ao público dos equipamentos culturais, logo a 14 de março, foram tomadas medidas dirigidas às organizações como a manutenção dos apoios financeiros às artes, assegurada a validade dos contratos de espetáculos e outras atividades artísticas e culturais já firmados por parte dos municípios, a regulação das entradas antecipadamente pagas pelos públicos para espetáculos. Após a reabertura ao público, existiram medidas de apoios à programação cultural, à adaptação dos espaços e equipamentos culturais independentes para corresponderem às medidas de saúde pública. E também medidas direcionadas às pessoas, designadamente de apoio social aos trabalhadores independentes. Algumas medidas abrangem todos os sectores (*layoff* e apoios aos trabalhadores independentes por parte da Segurança Social), outras são específicas da cultura, através do Ministério da Cultura, e foram fixadas no Programa de Estabilidade Económica e Social (Resolução do Conselho de Ministros nº 41/2020, de 6 de junho).<sup>4</sup>

São respostas aos problemas que foram sendo identificados, com preocupação pelos mais vulneráveis, sobretudo os trabalhadores do sector privado, independentes, por conta própria, temporários ou parciais, com situações contratuais precárias (Carmo e Matias, 2019), situações comuns no sector da cultura, com uma incidência significativa de desproteção social.

Têm sido dadas várias respostas às questões económicas e sociais, designadamente a proteção dos rendimentos e a salvaguarda da capacidade criativa e de produção, procurando minimizar assim impactos imediatos e futuros, sociais e culturais; e a procura de agregar aos apoios públicos apoios privados. São medidas que, como antes referido, parecem ser em geral adequadas, embora não necessariamente suficientes – têm sido várias as manifestações por

---

<sup>4</sup> Programa de Estabilização Económica e Social, ver [aqui](#).

parte de trabalhadores do sector que destacam essa insuficiência - o que dependerá em grande medida da duração da crise de saúde pública.

Dependem também, nesse contexto, das soluções governativas de resposta às novas e antigas necessidades que se têm vindo a evidenciar na área da cultura e que vierem a ser implementadas, algumas das quais têm provocado algum debate, e expectativa, mais recentemente polarizado na proposta do Orçamento de Estado para 2021.<sup>5</sup> Deste ponto de vista, uma medida em preparação que merece particular destaque é o “estatuto dos profissionais da cultura”, de regulação do exercício da profissão e da proteção social, uma matéria que ganhou destaque no atual contexto, mas que decorre de diversas outras iniciativas governativas e alterações legislativas nas últimas duas décadas (Garcia *et al.*, 2014: 46-48).

De todo o modo, tal como preconiza o relatório da UNESCO atrás citado, tanto a adequação como o alcance das medidas devem ser objeto de estudos de avaliação de modo a aferir com rigor o seu impacto e a informar as medidas a adotar na fase pós-crise.

3. O funcionamento dos mundos da arte e da cultura terá seguramente mudanças decorrentes da experiência da atual crise. Uma delas tem que ver com a maior importância do digital nos vários domínios artísticos e culturais. Não tanto do ponto de vista da criação – os criadores e produtores têm uma utilização intensiva de novas tecnologias – mas sobretudo na mediação, na receção e no consumo.

Destaco aqui as questões do consumo. Por um lado, estamos com possibilidades de acesso acrescidas aos conteúdos *online* por parte das organizações e dos criadores e artistas, o que permitiu evidenciar a importância da cultura, mas também a fragilidade da economia cultural (Banks, 2020), sendo que um problema que se coloca aqui é a remuneração do trabalho artístico e cultural de modo a assegurar a sua sustentação que garante a continuidade da criação (Becker, 2010[1982]).

---

<sup>5</sup> Ver [aqui](#).

Este aspeto é talvez mais notório no domínio das artes do espetáculo, mas aplica-se aos vários domínios, e em particular aos projetos emergentes e a artistas mais jovens, uma vez que em situações de crise as apostas dos apoios privados (e das audiências) se dirigem sobretudo para projetos e artistas consagrados (Bonet e Donato, 2011).

Por outro lado, enfrentamos sérias restrições quanto aos espetáculos ao vivo e outros eventos eminentemente presenciais, como os festivais e as festas populares, de efervescência coletiva (Santos e Costa *et al.*, 1999) que caracterizam muitos dos eventos culturais, em particular na música popular.

Assim, na perspetiva dos eventos para grupos, coletivos de indivíduos, são mais notórios os efeitos de limitação e de retração das ofertas e das procuras, eventualmente menos sentidos na cultura cultivada, normalmente mais contidos em termos de quantidade e de proximidade física dos participantes.

Do ponto de vista dos pequenos grupos, das famílias, dos indivíduos, é expectável a emergência de novas dietas de consumo cultural, com recuo das práticas de saída face às domésticas – aliás já dominantes, se pensarmos desde logo na televisão, como mostram os estudos disponíveis sobre participação cultural, mas agora com o acréscimo dos consumos via *online*.

Todos estes fatores sugerem também mudanças nas relações de sociabilidade inerentes à participação em eventos culturais (Lopes, 1998: 200; Mantecón, 2009), propensos que são a contextos sociais deste tipo, muitas vezes motivos para saídas em família, em grupos mais ou menos alargados, para encontros de amigos e conhecidos.

Sugerem ainda mudanças no funcionamento das instituições culturais com serviços para os públicos, sobretudo nas mais procuradas pelo turismo – genericamente as instituições do património cultural, os monumentos, os museus – devido às fortes quebras de receitas e à necessidade de adequação ao menor número de visitantes, de novo maioritariamente nacionais (Neves *et al.*, 2020). E também nas organizações e nas empresas de concertos/festivais de verão, ao ar livre,

em especial de música e de pop/rock, que vinham registando níveis crescentes de adesão (Neves e Miranda, 2020).

4. Será talvez cedo para antecipar as políticas a implementar depois desta crise, uma vez que não é ainda nítido como iremos emergir dela. Em todo o caso, estão a ser pensadas várias linhas (que eu diria) estratégicas, para o médio prazo, no horizonte 2030, como por exemplo no domínio dos museus (Camacho, 2020), mas também nos equipamentos culturais (*vide* Rede Portuguesa de Teatros e Cineteatros), no apoio financeiro às artes, no cinema, entre outros.

Ainda assim, destaco quatro linhas de política pública que será importante implementar, acompanhar... e avaliar no sentido da melhoria do cumprimento dos seus objetivos. Desde logo, as questões do estatuto do profissional da cultura, das condições laborais e da proteção social dos trabalhadores independentes. Para além da importância da manutenção (e eventual alargamento) dos apoios financeiros às entidades privadas, coloca-se também a necessidade urgente de dotar os serviços públicos dos recursos (humanos e financeiros) necessários para enfrentar os (velhos e) novos desafios que se colocam, e que se adivinham, para assegurar e melhorar a prestação dos serviços que constam das suas missões.

Uma terceira linha de incentivo prende-se com a participação cultural por parte da população, de formação de públicos, mas também de uma forma mais direta, neste contexto, de (re)criação de mercados culturais. Vale a pena lembrar que Portugal tinha, antes da presente crise, um dos mais baixos níveis de práticas culturais da população entre os países da União Europeia, posição que aliás se agravou em virtude da anterior crise económica e financeira (Eurobarómetro, 2013). Haverá novo agravamento? Possivelmente sim, há que estudar e tomar medidas de acordo com as conclusões obtidas.

Uma quarta tem que ver com a produção de conhecimento nesta área. Como investigador, parece-me importante destacar a necessidade de melhorar o conhecimento científico sobre o sector da cultura, dada a escassez de estudos e de linhas de pesquisa capazes de iluminar as suas

diversas componentes, na dupla perspetiva da atualidade como das evoluções registadas, de informar o desenho, a implementação e a avaliação de medidas e políticas.

Por exemplo, sabemos pouco sobre a evolução dos níveis de participação cultural dos portugueses e do impacto das várias conjunturas (favoráveis ou desfavoráveis, como a atual). Não temos uma linha de inquérito longitudinal às práticas culturais da população. Essa é uma das vertentes. A outra é que também sabemos muito pouco sobre o conjunto dos equipamentos, das entidades e dos agentes artísticos e culturais, dos criadores aos técnicos, os intérpretes, passando pelos mediadores, ou seja, dos intervenientes nos mundos da arte. Deste ponto de vista, o trabalho independente é paradigmático.

Acompanhando as preocupações de informação por conhecimento científico das medidas de políticas públicas na área da saúde, por esta altura muito destacadas, penso ser importante deixar também uma chamada de atenção para que essa necessidade se faz sentir também na área da cultura (Neves, no prelo).<sup>6</sup>

5. Do ponto de vista das desigualdades, e em particular das desigualdades sociais no acesso à cultura (e, na perspetiva da democratização, em especial à cultura cultivada), um ponto de grande relevância refere-se ao impacto na qualificação da população. A escolaridade, é sabido, é o principal fator de desigualdades sociais no acesso à cultura (Bourdieu e Darbel, 1966), sendo um fator particularmente importante em Portugal na atualidade, diretamente relacionado com os relativamente baixos níveis de escolaridade da população (Neves, 2015; Neves e Gomes, 2018). Desse ponto de vista, talvez o aspeto mais importante é que a recuperação que se vinha dando nos últimos anos, com níveis de qualificação mais elevados da

---

<sup>6</sup> A este propósito destaco, entre outras eventuais iniciativas do Ministério da Cultura direcionadas para a investigação, o Estudo Sector Artístico em Portugal, lançado em fins de julho de 2020, uma parceria institucional da DGARTES com o ISCTE-IUL, a cargo do Observatório Português das Atividades Culturais.

população portuguesa, e também associado a maiores níveis de proximidade com a cultura, se mantenha. Não é certo. Digamos que a questão central aqui é talvez esta: em que medida é que a crise económica associada à crise da Covid-19 se refletirá na educação, na frequência do sistema de ensino e, por essa via, no acesso e na participação cultural?

Por outro lado, porventura num sentido mais positivo, são de assinalar as competências digitais melhoradas, mais desenvolvidas pelas exigências escolares e profissionais (próprias e dos filhos) devido ao trabalho/estudo à distância, por aqueles que tiveram acesso aos conteúdos por disporem dos equipamentos adequados, importa ressaltar. E sabemos que isso não se tem revelado fácil para uma parte importante das famílias, em que as questões de concorrência de equipamentos para dar sequência às várias necessidades e aos vários usos requeridos – culturais, profissionais, de ensino - se têm revelado algo difíceis.

Portanto constata-se impactos diferentes, por um lado de melhoria, por outro de dificuldades acrescidas, o que quer dizer também acréscimo de desigualdades. Ou seja, desigualdades pelo acesso aos equipamentos, com reflexos a vários níveis, para além dos que advêm dos diferentes níveis de literacia digital. E, noutro plano, desigualdades que se podem adivinhar devido às exigências de distância social, ou melhor, física, e suas implicações nas ofertas em eventos presenciais, na sua disseminação no território nacional e de que forma é que isso pode levar ao agravamento das desigualdades territoriais no acesso à cultura.

### *Notas finais*

A crise pela Covid-19 teve inúmeros impactos e veio acrescentar mais desafios – uns novos, outros que decorrem de problemas que já anteriormente se manifestavam – ao sector da cultura. Procurei neste texto referir alguns aspetos porventura úteis para refletir o contexto atual e outros que dele decorrem para o período pós-crise Covid-19.

Em síntese, defendi que essa reflexão deverá ter em conta a diversidade do que designamos por sector cultural nas suas múltiplas dimensões, umas mais expostas aos efeitos imediatos da crise (parte importante dos profissionais independentes, com vínculos laborais precários, de todos os domínios e funções, pela perda de rendimentos e fragilidade em termos de proteção social), outras menos, mas que de uma forma ou de outra serão afetadas. O contexto de crise veio trazer nova visibilidade ao sector da cultura no espaço mediático e digital, *online*, pela exposição do contexto cultural (cancelamento de eventos, encerramento de instituições, diminuição dos públicos, agora quase exclusivamente nacionais) económicos e sociais (perda de rendimentos, fragilidade ou ausência de proteção social). Motivou também novos estudos e relatórios nacionais e internacionais que permitiram enquadrar o caso português no plano internacional, não só quanto aos efeitos como também quanto às medidas políticas de resposta à crise.

Deste ponto de vista, as respostas têm sido genericamente adequadas, o que não significa necessariamente suficientes. Decorreram num contexto de urgência, têm enquadramento no plano internacional, mas, também neste plano, mostram ainda diversas fragilidades, por exemplo nas medidas estruturais de preparação da fase pós-Covid-19.

E estas medidas serão fundamentais para dar continuidade, sem quebras acentuadas e com maior consistência, ao funcionamento dos mundos da arte e da cultura, que encontram talvez, no desenvolvimento do digital, *online*, uma das principais mudanças, em particular na mediação e no consumo. Outra mudança situa-se na ausência, ou mitigação, das relações de sociabilidade inerentes à participação (como públicos ou outras) em eventos culturais presenciais.

Entre as medidas a adotar estão as que visam promover justamente a participação cultural – em certa medida a revitalização do mercado cultural – e as que possibilitarão a realização de estudos que contribuam para conhecer melhor a realidade portuguesa e informar o desenho, acompanhamento e avaliação das políticas culturais.



Por último, importa ter em atenção os impactos da pandemia na qualificação dos portugueses, no sentido em que a escolaridade é um dos principais fatores de desigualdades sociais no acesso à cultura. Num outro prisma, importa também estudar como irão evoluir a posse de equipamentos e as competências (literacia) digitais, em princípio uma das dimensões com impacto positivo. Finalmente, penso ser importante procurar entender os eventuais impactos da Covid-19 nas desigualdades do acesso à cultura numa perspetiva territorial.

### *Referências bibliográficas*

- Banks, Mark (2020), "The work of culture and C-19", *European Journal of Cultural Studies*, 23(4), pp. 648 –654.
- Becker, Howard S. (2010[1982]), *Mundos da Arte*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Bina, Vladimir; Philippe Chantepie; Valérie Derooin; Guy Frank; Kutt Kommel; Josef Kotynek; e Philippe Robin (2012), *ESSnet-Culture Final Report*, Luxemburgo, ESSnet Culture e Eurostat.
- Bonet, Lluís; e Fabio Donato (2011), "The Financial Crisis and its Impact on the Current Models of Governance and Management of the Cultural Sector in Europe", *ENCACT Journal of Cultural Management and Policy*, 1(1), pp. 4-11.
- Bourdieu, Pierre; e Alain Darbel (1966), *L'Amour de L'Art: Les Musées et Leur Public*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Camacho, Clara Frayão (coord.) (2020), *Grupo de Projeto Museus no Futuro. Relatório Final*.
- Carmo, Renato Miguel do; e Ana Rita Matias (2019), *Retratos da Precariedade*, Lisboa, Tinta da China.
- Comunian, Roberta; e Lauren England (2020), "Creative and cultural work without filters: Covid-19 and exposed precarity in the creative economy", *Cultural Trends*, 29(2), pp. 112-128.
- Crane, Diana (1992), *The Production of Culture. Media and the Urban Arts*, Newbury Park, Londres e Nova Deli, Sage.

Eurobarómetro (2013), Cultural Access and Participation. Special Eurobarometer 399, Bruxelas, Comissão Europeia.

Gama, Manuel (coord.) (2020), Impactos da COVID-19 no setor cultural português: Resultados preliminares de março de 2020 Working report POLObs #1, CECS-POLOBS.

Garcia, José Luís; João Teixeira Lopes; José Soares Neves; Rui Telmo Gomes; Teresa Duarte Martinho; e Vera Borges (coord.) (2014), Mapear os Recursos, Levantamento da Legislação, Caracterização dos Atores, Comparação Internacional, Lisboa, SEC/GEPAC.

Gomes, Rui Telmo; Vanda Lourenço; e Teresa Duarte Martinho (2006), Entidades Culturais e Artísticas em Portugal, Lisboa, OAC.

Lopes, João Teixeira (1998), "Sociabilidade e consumos culturais: contributos para uma sociologia da fruição cultural", Sociologia, l(8), pp. 179-188.

Mantecón, Ana Rosas (2009), "O que é o público?", Poiésis, 14, pp. 175-215.

Neves, José Soares (2015), "Práticas culturais e desigualdades na Europa" em Carmo, Renato Miguel do e António Firmino da Costa (Orgs.), Desigualdades em Questão: Análises e Problemáticas, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 31-41.

Neves, José Soares (no prelo), "Políticas culturais e infraestruturas de pesquisa: o caso português".

Neves, José Soares (coord.); Sofia Costa Macedo; Maria João Lima; Jorge Santos; e Ana Paula Miranda (2020), Os Monumentos Nacionais de Portugal e a Abertura ao Público. Impactos decorrente da COVID-19, Lisboa, Observatório Português das Atividades Culturais, CIES, ISCTE-IUL.

Neves, José Soares; e Rui Telmo Gomes (2018), "Práticas culturais e acesso à cultura" em Carmo, Renato Miguel do; João Sebastião; Joana Azevedo; Susana da Cruz Martins; e António Firmino da Costa, Desigualdades Sociais: Portugal e a Europa, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 41-52.

Neves, José Soares; e Ana Paula Miranda (2020), Concertos de música em Portugal, Lisboa, OPAC-Observatório Português das Atividades Culturais, CIES, ISCTE-IUL.

Quintela, Pedro; e Claudino Ferreira (2018), "Indústrias culturais e criativas em Portugal: Um balanço crítico de uma nova 'agenda' para as políticas públicas no início deste milénio", Revista Todas as Artes, 1(1), pp. 88-110.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (2012), Sociologia da Cultura. Perfil de Uma Carreira, Lisboa, ICS.

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), et al., (1998), As Políticas Culturais em Portugal, Lisboa, OAC.

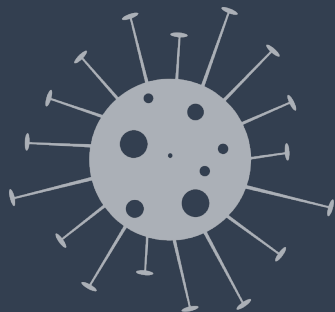
Santos, Maria de Lourdes Lima dos; e António Firmino da Costa (coords.), Rui Telmo Gomes; Vanda Lourenço; Teresa Duarte Martinho; José Soares Neves; e Idalina Conde (1999), Impactos Culturais da Expo'98, Lisboa, OAC.

Travkina, Ekatarina; e Pier Luigi Sacco (2020), Culture shock: COVID-19 and the cultural and creative sectors, OCDE.

UNESCO (2020), Culture in Crisis. Policy guide for a resilient creative sector, Paris, UNESCO.

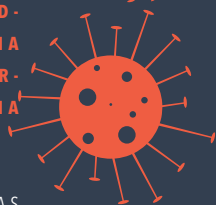
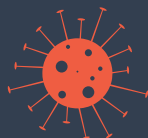
Entrevista realizada a José Soares Neves no âmbito da rubrica “Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19”, publicada a 13 de abril de 2020.





---

**NESTE MOMENTO AS SOCIEDADES ATRAVESSAM UMA CRISE PROFUNDA E SINGULAR PROVOCADA PELA PANDEMIA COVID-19. O QUE ESTAMOS A VIVER REPRESENTA UMA ANORMALIDADE QUE NÃO PODE (NÃO DEVE) TRANSFORMAR-SE NO NOVO NORMAL. SE ISSO ACONTECER É A PRÓPRIA NOÇÃO DE SOCIEDADE QUE PODE ESTAR EM CAUSA.**



DE MANEIRA A MELHOR COMPREENDERMOS OS IMPACTOS E AS CONSEQUÊNCIAS DESTA CRISE NAS DESIGUALDADES SOCIAIS, DESAFIÁMOS VÁRIO/AS SOCIÓLOGO/AS A REFLETIR SOBRE ESTA REALIDADE A PARTIR DO OLHAR ESPECIALIZADO. OS SEUS CONTRIBUTOS, PRIMEIRO EM FORMA DE ENTREVISTA E AGORA EM REGISTO ESCRITO, AJUDAM-NOS A INTERPRETAR E A DAR SENTIDO A TODA ESTA INCERTEZA E INSTABILIDADE QUE PARTILHAMOS COLETIVAMENTE.

